

PRIMEIRA PARTE

Os Domingos de La Rochelle

I

Uma arrumadora atravessou o *hall*, abriu de par em par as portas envidraçadas, estendeu a mão para se certificar de que não chovia, e voltou para dentro fechando sobre o peito o seu casaco de malha preto e com botões. Como se obedecesse a um sinal, a vendedora de caramelos, amen-doins e *nougats* deixou, por seu turno, a soleira onde se abrigara e aproximou-se da sua banca instalada na borda do passeio.

À esquina da rue du Palais, o polícia... Porque tudo eram ritos, tudo se encadeava pacificamente, de acordo com leis tranquilizadoras. Porque se estava em La Rochelle, bastava a faixa amarela “Mudança de Programa” nos cartazes do cinema para se saber que era quarta-feira, enquanto noutros lugares a mudança de programa tem lugar à sexta-feira, ou ao sábado, ou à segunda-feira.

Havia um guarda-chuva aberto por cima do carrinho da vendedora, porque chovera, e os espectadores, que finalmente saíam da sala, esboçavam todos eles o gesto da arrumadora. Cinquenta, cem pessoas talvez, diziam ao chegarem ao mesmo ponto do passeio, eles à sua mulher, elas ao seu marido.

— Olha! Já não está a chover...

Mas fazia fresco. Não tinham tido por assim dizer verão. O Casino do Rossio fechara quinze dias mais cedo do que de costume, e, no fim de setembro, poderia pensar-se que se estava em pleno inverno, com, esta noite, um céu demasiado claro, com as estrelas pálidas, sob o qual passavam nuvens rápidas e baixas.

Dez automóveis, quinze automóveis? Ouviam-se trabalhar os motores de arranque. Os faróis acendiam-se, e todos os carros se escapavam na

mesma direção, sem buzinar, por causa do polícia, lançando-se a fundo quando por fim saíam do amontoado.

Uma quarta-feira como as outras, uma quarta-feira de fim de setembro. Dois outros sinais ainda atestavam que se estava em La Rochelle e não noutro lugar. À esquina da rua, as pessoas levantavam a cabeça, ritualmente, para o cimo da Torre do Relógio, para verem as horas: meia-noite menos cinco. O Alhambra nunca terminava o seu espetáculo às onze horas, como os outros cinemas, devido ao número de *music-hall* intercalado no programa.

O outro sinal era o ruído, que por força do hábito já ninguém ouvia, um rumor surdo, por trás das casas, a que se juntava, agudo, o ranger das roldanas das embarcações de pesca. Toda a gente sabia, sem precisar de o ver, que as águas da bacia portuária, engrossadas por uma maré de equinócio, afloravam a borda dos cais, e que os barcos pareciam nascer do pavimento empedrado.

Entretanto, como em todos os cinemas do mundo, o diretor entrava na gaiola de vidro da caixa onde uma mulher velha, já de chapéu posto, lhe entregava o envelope amarelo com a receita e as contas escritas a lápis nas costas. Os dois trocavam algumas palavras, que não se ouviam lá fora. O encarregado do bar era um dos últimos a partir.

O proprietário já só tinha de fechar as portas e de subir para se ir deitar no cubículo que reservara para si lá em cima, junto à cabina de projeção. A sala estava vazia. Só uma luz de presença permitia ainda apreciar-lhe as proporções e a frieza.

— Boa noite, *madame* Michat.

— Boa noite, *monsieur* Dargens.

E *Mme* Michat, a caixa da bilheteira, que era medrosa, afastava-se a correr, olhando para trás a cada esquina de rua, como todas as noites. À esquina da rue du Palais, por pouco não atropelou um jovem que na borda do passeio estava à espera, a fumar um cigarro.

— Oh! Perdão, *monsieur* Philippe... Não o tinha reconhecido...

— Havia gente? — perguntou o jovem.

— Seiscentos e cinquenta de receita.

Era Philippe Dargens, o filho do patrão; deitou fora o cigarro, acendeu outro, olhou para o relógio da torre com ar enfadado e tomou lentamente por uma ruela que, através de alguns rodeios, conduzia ao Parque Municipal.

Agora, ouviam-se as pessoas que voltavam para casa a todas as esquinas, em todos os quarteirões, os passos que se detinham bruscamente, as portas que se abriam e se fechavam, e até mesmo vozes de pessoas que não imaginavam que o som, à noite, numa cidade vazia se repercutia ao longe.

Um ar húmido, de uma humidade salgada que se colava à pele, vinha do porto trabalhado pela maré, e Philippe levantou a gola do impermeável, viu as horas no relógio de pulso que iluminou com o cigarro.

Um último automóvel — dois faróis ao longe — saiu do parque onde as árvores gotejavam, e o jovem dobrou finalmente à direita e pôs-se a andar ao longo de muros de jardins.

Aqueles jardins eram os das casas da rue Réaumur, cujas fachadas se erguem do lado oposto, casas abastadas, palacetes na sua maioria.

Como se aproximasse, abriu-se uma porta pequena, apareceu uma forma, ou antes deixou-se adivinhar, e o jovem penetrou na escuridão de um dos parques, deitou o cigarro para o chão e pisou-o.

— Porque é que ontem não veio? — balbuciou uma voz.

Ele contentou-se com encolher os ombros, o que a sua interlocutora não podia ver, mas, para se fazer compreender, beliscou-lhe o braço.

Plátanos e castanheiros tornavam o jardim mais escuro do que a noite. As áleas estavam já juncadas de folhas mortas. A casa, ao fundo, não era mais do que uma mancha de tinta, ainda que com o telhado de ardósia iluminado por um halo que vinha de um ponto algures no céu.

— Fique um minuto... — suplicou uma voz de mulher.

— Chiu!... Daqui a nada...

— Escute, Philippe...

— Chiu!

— Jure-me...

Era o momento mais desagradável a passar: vinte metros de jardim a transpor antes de chegar a outra porta baixa, que dava para o parque vizinho. Não mais de um minuto. Mas um minuto durante o qual a forma miúda de Charlotte se agarrava a ele, suplicante e ameaçadora ao mesmo tempo, um minuto perigoso e incómodo, com um travo de catástrofe.

— Daqui a nada...

— Segunda-feira, disse a mesma coisa, mas acabou por ir-se embora sem...

Agarrou-a pelos ombros, ombros frágeis, vestidos de lã áspera, e teve a coragem de poisar um beijo ao acaso, no canto de um dos olhos dela.

— Chiu!... Venho cá, juro que venho, minha Charlotte, minha menina...

Ela fungava. Ele bem sabia que durante uma hora, durante duas horas, todo o tempo que estivesse ausente, ela ficaria a chorar, a tremer de frio, ali, sempre no mesmo lugar, atrás da porta.

Tanto pior! Uma vez só no outro jardim, já não pensava nisso, e movia-se com um passo mais flexível e mais vivo.

Tanto pior, sim! Era a única coisa que se podia dizer. Não fora sua a escolha dos meios, e valia mais não pensar no regresso, no abraço molhado de Charlotte, daí a nada, nas suas perguntas ofegantes.

Roçou de passagem cadeiras de ferro, uma mesa de jardim, tomou por uma orla de relva para evitar o ranger do cascalho, e não estava a quatro metros de uma janela ao ver já um reflexo brilhar na vidraça.

Não se via luz dentro de casa. A janela abria-se lentamente, por si só, como pouco antes se abrira a porta que dava para o parque. Sem se ocupar da forma branca que adivinhava dentro do quarto, Philippe afastou um ramo de roseira que conhecia como quem conhece o interruptor elétrico do seu quarto, poisou o pé num rebordo de pedra, o joelho no apoio da janela e achou-se do lado de dentro.

A janela, apenas semicerrada, deixava passar uma corrente de ar fresco, e freíam cortinas no quarto, uma cama, que estivera ocupada, arrefecia enquanto Philippe se inquietava ao encontrar sob os seus lábios uns lábios mais tensos do que de costume.

Surpreendeu-o também que, por baixo da camisa de noite, Martine tivesse ficado com a roupa interior de dia vestida e que o seu corpo crispado se recusasse ao abraço.

— O que é que tens? — soprou ele, tão baixo que só um longo hábito tornava possível compreendê-lo.

Um outro hábito permitia-lhe agora, a ele, distinguir no escuro um rosto muito branco, olhos febris, e sabia — tinha a certeza! — que alguma coisa de anormal se passava.

Quisera avançar na direção da cama com Martine mas ela, autoritária, com gestos que denotavam uma ideia preconcebida, forçava-o a voltar para junto da janela, onde podia ver-lhe melhor as feições.

— Olha para mim — pronunciou ela então, muito baixo, também ela, segurando-lhe os pulsos para o impedir de a enlaçar.

— O que é que tu tens, Martine?

E, apenas por ela lho ter pedido, não se atrevia a olhá-la, como se tivesse alguma coisa a esconder-lhe.

— Deixa-me ver os teus olhos, Philippe...

Havia drama na atitude de Martine, e a angústia crescia, dentro da casa cheia de seres adormecidos. Um estalido, uma sílaba pronunciada um pouco mais alto do que as outras, e acordaria alguém.

Quem? O irmão de Martine, um garoto de quinze anos, teimoso e desconfiado, que ocupava o quarto vizinho? A mãe dela, que dormia dois quartos adiante?

A casa, de alto a baixo, era habitada pelos Donadieu, velhos e novos, irmãos, filhos, noras, e ele estava ali, de pé junto à janela, com a mais jovem, Martine, que mal fizera dezassete anos.

Não era a primeira vez, mas de súbito, sem saber porquê, teve medo, por causa talvez daqueles olhos fixos onde não descobria ternura.

— Olha para mim!

Sempre o mesmo recuo do corpo, que tinha por hábito abandonar-se...

— Responde-me com franqueza, Philippe...

Ao contrário das outras vezes, era ela que levantava a voz, sob risco de desencadear uma catástrofe, e ele não sabia como fazê-la calar-se.

— Onde está o meu pai? O que foi que aconteceu?

— O teu pai?

Ele não sabia! Os dedos crispavam-se-lhe. Talvez aquela história fosse de resto muito simples: um mal-entendido, sem dúvida, ou uma fantasia de Martine, que tinha os nervos demasiado sensíveis.

— Responde!

— Não sei.

Como dizer um “não sei” forte quando se tem de falar num sopro? E como provar que se está de boa-fé com o rosto iluminado apenas por um reflexo de noite?

— Vais apanhar frio —, arriscou ele ao ver a camisa fremir à passagem da brisa.

— Eu quero saber, Philippe! Não olhes para outro lado. Fizeste alguma coisa, diz-me?

— Juro-te que não compreendo.

— Estás a mentir!... Sei que és capaz de mentir... Philippe!...

Era um apelo quase desesperado. Ele continuava a ver aquela mancha lívida da cama, aqueles lanços de sombra e, muito perto de si, demasiado perto, aqueles olhos insistentes...

— Philippe!...

— Acabo de chegar de Bordéus, como te anunciei no sábado... Não entendo nada...

Ela continuava a crispar-se. Impacientava-se, também ela, prestes, dir-se-ia, a chorar ou a exaltar-se.

— Não viste o teu pai?

— Há cinco minutos, ainda agora, no cinema.

— Ele não te disse nada?

— Claro que não! — quase gritou ele.

Agora, ela olhava para o chão, mantendo-se distante, não vencida ainda.

— Já não sei... — balbuciou. — Se isso for verdade... Mas eu tive como que o pressentimento de que eras tu...

E ei-la que contorcia os braços num movimento quase histórico.

— Martine...

— Não... Deixa-me... Agora não...

— Que se passa?

Um olhar mais que tentava adivinhar, perscrutar o rosto lunar do jovem, e por fim um gesto desencorajado.